

## GÊNEROS DISCURSIVOS ORAIS EM PERSPECTIVA: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS POR PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL DE HISTÓRIA

Abdul Joari LIMA\*

*ABSTRACT: The article approaches speech genres and your relation with students in classroom. It was difficult to find many studies about it. The article involves itself in the educational process of History's starter formation. We try to understand the perception that History eighth period's students have about the speech genres, that have been used during the course, at University of Blumenau, Santa Catarina, in 2009. The article's objective is to understand the meaning which History's students give to the speech genres during their academic process. The methodology that has been used was the interview and this gives us a qualitative approaching. It was conclude that trainee students choose the seminar as the speech genre most common in the History classes and attribute to this a positive sense. Because, when they got prepared and dedicated themselves, at the end, the seminar genre brings wealthy discussions that are pertinent to the academic sphere.*

*KEYWORDS: Teacher's Starter Formation at History Course; Speech genre; Seminar.*

### 1. Considerações iniciais

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. (BAKHTIN, 2000, p. 319).

A qual modalidade textual, Bakhtin recorreu para produzir este discurso? Uma modalidade oral? Uma modalidade escrita? Esses questionamentos nos permitem fazer uma reflexão e demonstram que o próprio Bakhtin recorreu a fontes, orais ou escritas, para entender, compreender, refletir e transmitir o seu discurso. Esse, que através de seus livros, chega até os leitores por meio de um texto escrito.

Os estudiosos que produzem textos escritos como artigos científicos, dissertações, teses etc, e textos orais em conferências, exposições, comunicações, aulas expositivas, seminários, arguição de dissertação etc., fazem com que o texto circule na esfera acadêmica e, conseqüentemente, fazem com que esta funcione. Os gêneros produzidos na esfera<sup>1</sup> acadêmica adquirem um valor e significado nesse campo da atividade humana. A reflexão e compreensão dos leitores e ouvintes serão decorrência da interação das pessoas dentro dela.

Acima, citam-se mais exemplos de gêneros discursivos orais do que os escritos. Isto acontece propositalmente pelo fato de se querer destacar neste trabalho os gêneros discursivos orais. Muito provavelmente o leitor lembra-se de alguma apresentação, seja nas aulas da graduação, pós-graduação ou em algum congresso ou seminário, em que a apresentação oral

\* Aluno do Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE, Mestrado em Educação; Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB.

<sup>1</sup> “Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica [...] Essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados.” (FIORIN, 2006, p. 61).

não foi condizente com o que se espera desse gênero na esfera acadêmica, o que pode tê-lo deixado desapontado, desinteressado ou ainda tê-lo levado a se retirar. A partir desta situação reflete-se de que maneira os gêneros discursivos orais vêm sendo trabalhados para que os acadêmicos do curso de História consigam se expressar oralmente de modo compreensível e condizente com a esfera acadêmica. Lembra-se também que os acadêmicos do curso de História estão em um curso de licenciatura, que serão futuros professores e precisarão se expressar oralmente com muita frequência na sala de aula, partindo da concepção de que as aulas serão expositivas dialogadas. Reflete-se, ainda, a postura que terão que tomar frente aos seus alunos, ajudando-os a lidarem com os gêneros que circulam na escola e fora dela, o que inclui os gêneros orais.

A reflexão ocorre dentro da Universidade Regional de Blumenau, SC. É justamente neste cenário de educação, onde professores de História são formados, que se procura refletir a percepção dos alunos formandos da oitava fase do Curso de História da FURB, quanto aos gêneros discursivos orais trabalhados no decorrer do Curso.

Marcuschi (2008) postula que os estudos dos gêneros não são recentes, mas estão na moda. Ao ater-se aos gêneros textuais falados, explica que nesta área o estudo é pouco abordado. O autor destaca que “o estudo e classificação das interações verbais orais é bem mais recente e menos sistemático que a classificação dos textos escritos” (2008, p. 186). Por ter me graduado em História e ter um grande interesse nos gêneros discursivos orais e, também, pelo fato de que os gêneros discursivos orais são pouco abordados, principalmente nas pesquisas de cursos de licenciatura da FURB, torna-se relevante ouvir os acadêmicos e tomar conhecimento de sua percepção quanto a esses gêneros.

Assim, o objetivo geral deste artigo é discutir o sentido que os alunos de História da FURB atribuem aos gêneros discursivos orais no processo de sua formação. Como foco mais específico procura-se: refletir sobre os gêneros discursivos orais (modalidades orais) utilizados no curso de História que envolvem o evento de letramento; problematizar o gênero discursivo oral mais utilizado no curso; questionar a disciplina de produção de texto; e contribuir para um debate sobre os gêneros discursivos orais dentro da formação inicial de professores<sup>2</sup>.

Inicialmente, procurou-se conhecer e descrever os conceitos elaborados pelos teóricos, Bakhtin (2000) e Marcuschi (2008). O primeiro, a respeito dos gêneros do discurso; o segundo, com relação aos gêneros textuais orais. Quanto à técnica de pesquisa, discutida neste artigo, pode ser caracterizada como estudo de caso, pois segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 89), “O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico.” Quanto ao instrumento de pesquisa utiliza-se a entrevista semiestruturada. Vale ressaltar que para estes mesmos autores (p. 134) “[...] a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam os aspectos do mundo”.

A entrevista semiestruturada foi realizada com dois alunos da oitava fase do curso noturno de História da FURB, em 2009. Para a transcrição das entrevistas foram utilizadas as adaptações das convenções de Marcuschi<sup>3</sup> (1986). Para a apresentação dos dados da pesquisa

<sup>2</sup>Este artigo refere-se apenas ao curso de História, mas espera-se que a reflexão atinja outros cursos da licenciatura.

<sup>3</sup>Pausas: (+) ou (2.5). Dúvidas e suposições: ( ). Truncamentos bruscos: /. Ênfase ou acento forte: MAÚSCULA. Alongamento de vogal: :: . Sinais de entonação: “ ‘ , . Aspas duplas: subida rápida. Aspas simples: subida leve. Aspas simples abaixo da linha: descida leve ou brusca. Repetições: reduplicação da letra ou sílaba. Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção: eh, ah, oh, ih:, mhm, ahã. Indicação de transcrição parcial ou de eliminação: ... ou /.../

aqui analisados, utilizou-se parágrafo próprio, em itálico. A pesquisa está ligada ao paradigma qualitativo de investigação. Entende-se que haja esse vínculo especialmente pelo objetivo deste tipo de pesquisa, citado por Bauer e Gaskell (2003, p. 23) “[...] a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais [...]”.

Este artigo está dividido em quatro seções: a primeira, descrita acima, faz uma apresentação do trabalho em que se procura levar o leitor a uma primeira reflexão a respeito dos gêneros discursivos orais na esfera acadêmica. Na segunda seção, usam-se os autores para conceituar os gêneros discursivos. Na terceira seção, apresentam-se as falas dos sujeitos que são analisadas através de um diálogo com os autores. Nesta mesma seção, problematiza-se o seminário, o qual é apresentado pelos alunos como o momento de maior exposição oral do curso de História. Problematiza-se ainda a disciplina de Produção de Texto, a qual prioriza os gêneros escritos. Finaliza-se na quarta seção retomando a formação e refletindo sobre o lugar dos gêneros orais na formação e suas implicações com a prática pedagógica dos futuros professores.

## 2. Fundamentos teóricos

Marcuschi (2008, p. 152) postula quatro tendências para o estudo dos gêneros no Brasil, são elas: a linha bakhtiniana alimentada pela perspectiva de orientação vygotskyana socioconstrutivista da Escola de Genebra; a swalesiana, na linha da escola norte-americana mais formal; a escola australiana de Sydney; e uma quarta menos marcada por essas linhas, e mais geral que possui influências de Bakhtin, Adam, Bronckart e também norte-americanos, como Bazerman e Miller. Neste artigo segue-se a linha bakhtiniana pelo motivo do discurso bakhtiniano exercer grande força sobre os outros discursos.

O estudo dos gêneros começa com os filósofos da antiguidade: Platão e Aristóteles. Inicialmente os estudos possuíam uma tradição poética e retórica. Com o Romantismo, o estudo da teoria clássica dos gêneros é abalado. No Brasil, conforme Rojo (2005), aumenta-se a discussão a respeito dos gêneros do discurso após os novos referenciais nacionais de ensino de línguas (Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras) que fazem indicação dos gêneros como objeto de ensino.

Ressalta-se neste artigo as expressões utilizadas pelos autores Marcuschi e Bakhtin. Marcuschi (2008) utiliza o termo gênero textual (oral e escrito). Ao fazer a análise dos gêneros na oralidade, se refere aos gêneros textuais orais como gêneros textuais falados. Marcuschi não discute a pertinência do termo utilizado por ele. Conforme o autor:

Não vamos discutir aqui se é mais pertinente a expressão “*gênero textual*” ou a expressão “*gênero discursivo*” ou “*gênero do discurso*”. Vamos adotar a posição de que todas essas expressões podem ser usadas intercambiavelmente, salvo naqueles momentos em que se pretende de modo explícito e claro identificar algum fenômeno específico. (MARCUSCHI, 2008, p. 154, grifo do autor).

Já Bakhtin (2000) refere-se a gêneros do discurso (orais e escritos). Aparece ainda neste artigo o termo gêneros orais formais e públicos utilizado por Rojo (2006). Este termo aparece pelo fato de a autora postular no seu artigo, sobre conferência acadêmica, que o seminário é um gênero oral formal e público:

[...] mas pode inspirar a análise de outros gêneros orais formais e públicos tão complexos quanto a conferência acadêmica, mas que apresentam outros tipos de relação entre escritas e falas e outros rituais: notícia televisiva, encenação de peça teatral, seminário, apresentação empresarial etc. (ROJO, 2006, p. 488).

Compreende-se assim que quando os termos descritos acima aparecerem neste artigo pode-se interpretá-los como gêneros discursivos. Conforme Bakhtin (2000, p. 279, grifo do autor) “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.” Fiorin (2006) enfatiza que Bakhtin insiste no fato de que os gêneros são relativamente estáveis. Conforme Fiorin:

O acento deve incidir sobre o termo *relativamente*, pois ele implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança, o que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito. Ademais, o vocábulo acentuado indica uma imprecisão das características e das fronteiras dos gêneros. (FIORIN, 2006, p. 64, grifo do autor).

É relevante ressaltar que os textos podem ter formas escritas e orais, e ambas estarão sempre histórica e socialmente situadas. Os gêneros discursivos orais encontram-se em variadas esferas, mas os de interesse desta pesquisa estão socialmente situados dentro da esfera acadêmica, mais especificamente, na Instituição FURB e dentro do Curso de História, portanto, referimo-nos a uma esfera instrucional (científico, acadêmica e educacional).

Por ter o foco na esfera acadêmica, torna-se relevante pesquisar os gêneros discursivos secundários. Segundo Bakhtin (2000), existem gêneros discursivos primários e os gêneros discursivos secundários. Os primários são considerados mais simples. Já os secundários são considerados mais complexos. O romance, o teatro, o discurso ideológico e o discurso científico que é nosso foco, são exemplos de gêneros secundários e na perspectiva de Bakhtin (2000, p. 281, grifo nosso), “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente *mais evoluída* [...]” Conforme Gee “*Los Discursos secundarios son aquellos a cuyo aprendizaje se dedica a las personas como parte de sus socializaciones en diversos grupos e instituciones locales, estatales y nacionales, aparte de la socialización inicial en casa y en el grupo de iguales por ejemplo, iglesias, bandas, escuelas, oficinas*”. (2005, p. 150).

### 3. Gêneros discursivos orais no curso de História da FURB: uma análise reflexiva

Foram convidados para a entrevista, dois alunos da oitava fase do curso de História, Marcos de 21 anos de idade, e Larissa, de 22. Marcos trabalha como estagiário em uma repartição pública e Larissa trabalha como professora de História na rede pública. Ambos possuem, portanto, vínculo empregatício, e Larissa<sup>4</sup>, antes mesmo de formada, já atua na sala de aula como professora. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas na Biblioteca Central da FURB, na sala para estudos em grupo, em outubro de 2009 e tiveram em média 24 minutos cada.

A partir de um histórico de vivência de oito fases, no curso de História, e de um estímulo circunstanciado pelas perguntas da entrevista, percebem-se os principais gêneros discursivos orais que os sujeitos da pesquisa apontaram, sendo eles: seminário, debate, apresentação de trabalho de estágio, apresentação de trabalho de TCC e entrevista. Uma das questões feitas aos sujeitos foi a respeito do momento em que eles mais se expunham oralmente nas aulas durante o curso. Ambos responderam que os momentos de maior exposição oral dos alunos eram nos seminários, sendo este gênero o mais citado pelos sujeitos.

---

<sup>4</sup> Ressalta-se que os nomes são pseudônimos para que se preserve a verdadeira identidade dos sujeitos.

*é:: deveriam ser as aulas de seminário mas nem sempre isso acontece né:: é no seminário que / é:: dependendo né da conversa dependendo do texto é:: funciona bem” a hora que a gente se expõe de fato expõe nossa opinião, MAS depende também de que tipo de seminário, de que tipo de conteúdo, é tem vezes que o seminário não funciona, né que simplesmente alguém está falando e o resto né fica pensando né na morte da bezerra mhm mas, tem horas que funciona e quando funciona é bacana assim, e são essas horas que:: a discussão ela, ela toma corpo /.../ (Larissa).*

Seminário de acordo com Vieira (2005), pode ser definido de várias formas: uma aula dada por um grupo de alunos; uma forma acadêmica de instrução; congresso científico ou cultural; grupo de estudos; reunião de estudos sobre determinado assunto; grupo de estudos em que estudantes pesquisam e discutem um tema específico; aula dada por um grupo de alunos, em que há debate acerca da matéria exposta por cada um dos participantes. De acordo com este autor, que trata o seminário como um evento de letramento<sup>5</sup>: “O termo seminário tem raízes na palavra latina *seminarium* (ii), derivada de *sēmen* (inis), isto é, “semente”, cujo significado é viveiro de plantas; escola, seminário, tirocínio; fonte, causa, princípio, germe e origem.” (2005, p. 18). Faz-se aqui uma comparação, com o termo *seminarium* que deriva de *sēmēm*, “semente”, para compreender o gênero situado.

Os seminários acontecem dentro das salas de aula de uma escola ou universidade. Temos assim, supostamente, um viveiro de plantas. Neste viveiro, a sala de aula, temos um grupo que traz o assunto para discussão e debate, ou seja, a semente. Na fala de Larissa compara-se a semente com o conteúdo. No viveiro de plantas, a planta se desenvolverá, ou seja, o assunto debatido ganhará corpo. Se a semente da planta não for bem cultivada e preparada por todos, em outras palavras, se o conteúdo não for bem estudado e preparado pelos alunos, a planta terá dificuldades para se desenvolver. E com isso, o conteúdo abordado não trará grandes discussões, conforme Larissa: *é tem vezes que o seminário não funciona que simplesmente alguém está falando e o resto fica pensando na morte da bezerra. Mas se a planta for bem cultivada e preparada dentro do viveiro, novamente a sala de aula, o assunto se desenvolverá, promovendo discussões ricas e pertinentes, importantes para a formação dos alunos, como ressalta Larissa: quando funciona é bacana e são essas horas que a discussão toma corpo.*

Conforme Veiga (1991), na área da Educação, o seminário é utilizado como técnica de ensino socializada. Neste artigo, seminário tem o sentido proposto por Veiga (1991, p. 107) “um grupo de estudos em que se discute e se debate um ou mais temas apresentados por um ou vários alunos, sob a direção do professor responsável pela disciplina ou curso”. Veiga (1991) aponta, além disso, os objetivos, papel do professor e papel do aluno no seminário.

Ressalta-se ainda na fala de Larissa a junção do texto escrito com o texto oral, *dependendo do texto* [referindo-se ao texto escrito] *funciona bem, a hora que a gente se expõe de fato*. Na fala destacada percebem-se dois aspectos importantes do funcionamento do seminário: primeiro que o bom funcionamento do seminário se dá conforme o texto escrito que é trabalhado, ou seja, parece ser relevante que o aluno tenha interesse pelo conteúdo/texto; e segundo que o gênero discursivo seminário envolve tanto a modalidade de uso da língua escrita, quanto a modalidade de uso da língua oral. Conforme Marcuschi (2001, p. 44) esse gênero textual é produzido na interface. Na interface temos um texto escrito o qual

---

<sup>5</sup> Utiliza-se a expressão eventos de letramento, conforme Barton e Hamilton(2000, p. 7) [...] literacy events are activities where literacy has a role. Usually there is a written text, or texts, central to the activity and there may be talk around the text. Events are observable episodes which arise from practices and are shaped by them.

é transmitido oralmente ou um texto oralmente produzido, mas que é transmitido pela escrita. No caso do seminário, existe primeiramente uma produção de texto escrito e posteriormente a exposição oral que, na maioria das vezes, é apoiada na escrita. E a exposição oral, sendo apoiada na escrita, torna-se um evento de letramento.

Destaca-se, novamente, a parte final da fala de Larissa *mas tem horas que funciona e quando funciona é bacana assim, e são essas horas que a discussão ela, ela toma corpo [...]* A aluna demonstra que o seminário é interessante quando funciona. Compreende-se o *tem horas*, como dias, e dependendo do tema e do dia, o seminário prossegue de maneira proveitosa.

Para que a discussão tome corpo em um seminário é conveniente que os alunos procurem aprofundamento no assunto selecionado. Conforme Veiga (1991, p. 111) os alunos ao participarem de um seminário necessitam algumas competências, entre elas: “escolher o tema ou subtema; obter as informações, dados, por intermédio de pesquisas, levantamentos, leituras, entrevistas, que os capacitem a participar ativamente do seminário; ler a bibliografia sugerida, estudar previamente o tema [...]” A partir destas competências, a apresentação do tema e discussão do mesmo por meio de técnicas da exposição oral, do debate e da discussão, terão maior probabilidade de tomarem corpo.

Ao perguntar para Marcos, qual o momento que os alunos mais se expunham oralmente nas aulas durante o curso de História, respondeu à questão apontando para o seguinte:

*mhm, o que os professores trabalham bastante é a dinâmica do seminário, né, nós temos um texto (+), esse texto é dividido, em grupos e cada grupo apresenta o seu mhm / e a gente tenta fazer um debate em cima disso né, mas esse é o momento assim que mais se fala, lógico que durante a exposição dos professores sempre tem um momento de pergunta, mas no momento que nós alunos falamos mais, é o seminário, essa dinâmica assim. (Marcos).*

Marcos também aponta o seminário como momento de maior exposição oral dos alunos durante as aulas do curso de História. As respostas dos sujeitos da pesquisa nos fizeram estudar e refletir o seminário, já que ele foi o gênero mais enfatizado.

Marcos aponta ainda para o funcionamento do seminário nas aulas do curso de História: os alunos são separados em grupo e recebem um texto escrito; entende-se com a fala de Marcos que os textos são divididos pelos professores, após o recebimento do texto escrito, cada grupo apresenta o conteúdo do seu texto; sendo este o momento de maior exposição oral. Balzan (*apud* Veiga, 1998, p. 108) apresenta equívocos com relação à técnica do seminário e alguns deles são “a divisão do trabalho, a descontinuidade e a ausência de interação”. Conforme Bunzen (2010), geralmente em seminários acadêmicos em sala de aula acontecem divisões dos textos por parte dos alunos, ou seja, cada aluno fica encarregado de apresentar apenas uma parte do texto escrito. Essa divisão, conforme o autor, leva a um problema, pois alguns alunos leem apenas parte do texto, não tendo uma compreensão geral do texto (informação verbal)<sup>6</sup>. Ainda conforme Bunzen, em algumas ocasiões ocorrem tratos orais entre os alunos para que não questionem uns aos outros durante o seminário.

Os sujeitos apontam também para uma falta de dedicação por parte dos alunos:

---

<sup>6</sup> Clecio; Minicurso: *Linguagens, gêneros e discursos no processo de escolarização*. Realizado na FURB em 25 e 26/02/2010.

*... eu te confesso que eu sou bastante descontente com o seminário, eu acho que, não sei se a pouca dedicação de quem, por parte de quem apresenta para com o texto ou se é uma limitação de quem vai ler, não sei mas assim, eu acho que deveria melhorar bastante. (Marcos).*

*... mas as aulas em si é:: funcionam no sistema de seminário, na questão de textos, aí vai depender da gente também porque quando a gente não lê o texto, quando a gente não vem pra aula preparado, a aula não costuma funcionar muito bem não, por que daí, né não entra no clima da aula /.../ (Larissa).*

Destaca-se nas duas falas a questão da leitura prévia do texto. No caso do seminário, como já citado anteriormente, acontece uma interface, ou seja, primeiramente temos uma leitura do texto escrito, que implica compreensão, interpretação, construção de sentidos, e depois uma exposição oral do texto lido conforme essa compreensão. Acontece assim, uma relação entre texto escrito e texto oral. Conforme Rojo e Schneuwly (2006, p. 463) “A questão das relações de continuidade e de mútua constitutividade entre a linguagem oral e a escrita é da maior relevância para a compreensão do funcionamento dos gêneros orais formais e públicos [...]”. Esta questão da continuidade surge pelo fato de que, até na década de 80 do século XX, havia uma abordagem dicotômica entre a modalidade oral e escrita. Nesta dicotomia, grosso modo, a fala era percebida como desorganizada e a escrita como lógica e racional. Após a década de 80, conforme Marcuschi (2004) postula-se uma teoria em que a relação se dá em um *continuum* e não em uma dicotomia polarizada.

Assim sendo, salienta-se que:

[...] A relação entre gêneros orais e gêneros escritos não é uma relação de dicotomia. É antes uma relação de continuidade e de efeito mútuo, isto é, gêneros orais podem sustentar gêneros escritos; gêneros escritos podem sustentar gêneros orais. Eles estão em mútua interdependência, cada gênero oral que entra na escola, em geral, pressupõe a escrita, assim como cada gênero escrito trabalhado na escola pressupõe o oral. (SCHNEUWLY, 2005, *apud* ROJO e SCHNEUWLY, 2006 p. 467).

Rojo destaca assim os gêneros orais formais e públicos para que se compreenda esta interface entre os gêneros. Percebe-se essa relação contínua entre gênero escrito e oral na fala dos dois sujeitos. Marcos enuncia que *os professores trabalham bastante é a dinâmica do seminário, né, nós temos um texto (+), esse texto é dividido, em grupos e cada grupo apresenta o seu /.../* Já Larissa aponta que *as aulas em si é:: funcionam no sistema de seminário, na questão de textos/.../ quando a gente não lê o texto /.../ a aula não costuma funcionar muito bem não, por que daí, né não entra no clima da aula /.../*. Entende-se com a fala de Marcos que há um recebimento de um texto escrito, o qual vem pronto, e após a leitura e compreensão passa-se para a produção do texto oral, que Marcos chama de apresentação. Marcuschi (2001) percebe que as relações entre oralidade e letramento são fortemente imbricadas em sociedades altamente penetradas pela escrita. Larissa também aponta para a questão do texto, interpreta-se com a fala dela que há também um recebimento de texto, porém, Larissa destaca que quando não há uma boa preparação quanto ao texto escrito, também não há um bom desenvolvimento da produção do texto oral. Neste caso, conforme proposto por Rojo e Schneuwly (2006) o gênero escrito sustenta o gênero oral.

Para finalizar, foram analisadas, além das falas dos sujeitos, as disciplinas de Produção de Texto I e Produção de texto II que fazem parte do currículo e ocorrem na primeira e segunda fase do curso de História, respectivamente. A análise desta disciplina é feita pelo fato de a produção de texto poder ser tanto oral, como escrita. Estas disciplinas são do Eixo

Articulador das Licenciaturas, ou seja, todos os cursos de licenciatura possuem estas disciplinas. Ratifica-se aqui a possibilidade de reflexão nos outros cursos que envolvem a licenciatura<sup>7</sup>.

A ementa<sup>8</sup> das disciplinas de Produção de texto I e Produção de texto II aponta uma preocupação com a leitura, interpretação e produção de diversos gêneros textuais. As disciplinas têm como objetivo aprimorar a leitura e produção escrita de textos da esfera acadêmica. Enfatiza o resumo, a resenha, o paper, o artigo e o relatório. Quanto às modalidades de uso da língua oral, como conferências, debate, exposições, comunicações, aulas participativas, aulas expositivas, seminários, arguição de tese, nada dizem.

#### 4. Considerações finais

Apoiados em Bakhtin (2000), compreendemos que o objeto do discurso de um locutor nunca é objeto de discurso pela primeira vez. Deste modo, as falas dos sujeitos da pesquisa acontecem em uma relação dialógica. Conforme Fiorin (2006, p. 11) “Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu.” Seus discursos sofrem influências dos pais, mestres, amigos, leituras, e tanto de gêneros do discurso primário como secundário. Mesmo com influências de ambos os discursos, ressalta-se no artigo o discurso secundário, pois a pesquisa acontece numa universidade, que é uma esfera instrucional (científica, acadêmica e educacional), e foca-se nos gêneros discursivos orais.

Quanto à disciplina de Produção de Texto, presente não só no currículo de História, mas nos cursos de licenciatura, como já mencionado, percebe-se que elege apenas os gêneros escritos como objeto de ensino. Desse modo, ela parece dicotomizar o oral e o escrito, não destacando os gêneros discursivos orais como objeto de ensino. Reflete-se nestas considerações finais, o peso da escrita na esfera acadêmica, o significado de ser autor, a relevância de ser reconhecido como produtor de textos, a publicação de artigos. Percebe-se que no curso de História, e nas disciplinas de Produção Texto I e II a ênfase é na escrita e não há um ensino formal dos gêneros orais. Desse modo os gêneros discursivos orais são apresentados para os alunos apenas pelo nome e não como objetos de ensino. Provavelmente pressupõe-se que eles não precisam ser ensinados e que o aluno, ao participar de eventos de letramento, que envolvam gêneros discursivos orais, aprenderá pela prática. Conforme Dolz e Schneuwly (2004), a linguagem oral:

[...] não é ensinada, a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas. Assim, como denunciam didatas, sociólogos, lingüistas e formadores de

<sup>7</sup> Artes, Ciências Biológicas, Ciências da Religião, Ciências Sociais, Educação Física, Letras, Licenciatura em Computação, Matemática, Pedagogia, Química e Geografia. Destaca-se que não há o curso de Geografia na instituição pesquisada.

<sup>8</sup> Produção de Texto I – Ementa: Leitura, interpretação e produção de diversos gêneros textuais. Noções básicas de produção de textos da esfera acadêmica. O resumo, a resenha - linguagem, características e estrutura. Relações de sentido. Língua, identidade e cidadania. Inserção no cotidiano escolar da Educação Básica. Objetivo: Aprimorar a leitura e produção escrita de textos da esfera acadêmica. Habilitar o acadêmico a reconhecer características essenciais do resumo e da resenha, bem como produzir estes gêneros textuais. Produção de Texto II - Ementa: Leitura, interpretação e produção de diversos gêneros textuais. O ensaio/paper, o relatório, o artigo científico - linguagem, características e estrutura. Relações de sentido. Língua, identidade e cidadania. Inserção no cotidiano escolar da Educação Básica. Objetivo: Aprimorar a leitura e produção escrita de textos da esfera acadêmica. Habilitar o acadêmico a reconhecer características essenciais do ensaio/paper, artigo e relatório, bem como produzir estes gêneros textuais.

professores [...], o ensino escolar da língua oral e de seu uso ocupa atualmente um lugar limitado. Os meios didáticos e as indicações metodológicas são relativamente raros; a formação dos professores apresenta importantes lacunas (p. 149).

No decorrer das entrevistas, conforme foram ganhando forma, os sujeitos nos apontaram cinco gêneros discursivos orais, são eles: debate, apresentação de trabalho de estágio, apresentação de trabalho de TCC, entrevista e seminário. O seminário foi o gênero discursivo oral mais enfatizado pelos sujeitos e apontado como o momento em que o aluno mais se expõe oralmente, por este fato, o seminário teve um maior aprofundamento. Na percepção dos sujeitos, o seminário tem uma funcionalidade variável, conforme seus comentários: o bom andamento dependerá da dedicação dos alunos para com o texto (escrito).

Dessa maneira, pode-se afirmar que os seminários nas aulas de História funcionam como eventos de letramento. Tem-se um texto escrito e a partir deste entra em cena a exposição oral dos alunos. O sentido atribuído pelos alunos ao seminário é de certa maneira, positivo. O que falta, algumas vezes, é que os alunos desenvolvam competências e cumpram com suas exigências, conforme citado anteriormente por Veiga (1991).

Assim, percebe-se que os gêneros discursivos orais, estão presentes no curso de História da FURB, mas nem todos são tratados como os gêneros escritos. Finaliza-se este artigo questionando se é conveniente abrir espaço para uma disciplina que contemple os gêneros discursivos orais, assim como há uma disciplina de produção de texto que enfoca o texto escrito, ou uma explanação a respeito de cada gênero discursivo oral por parte dos professores é suficiente para a apropriação desses gêneros pelos alunos.

## Referências

- BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Tradução de: Quantitative researching with text, image and sound: a practical handbook.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos*. Porto: Porto Ed, [1994]. Tradução de: Qualitative research for education.
- CHAVES, Laura Cristina Peixoto; LEMOS, Genoveva. *Metodologia da pesquisa científica*. Blumenau: Edifurb; Gaspar: Sapience Educacional, 2009. (Pós-graduação. Modalidade a distância).
- DOLZ, Joaquim. e SCHNEUWLY, Bernard. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard. e DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin* / José Luiz Fiorin. – São Paulo: Àtica, 2006.
- GEE, James Paul. *La ideologia em los discursos: linguística social y alfabetizaciones*. Tradução do Castelhana de Pablo Manzano. Madri: Ediciones Morata, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Educação lingüística, 2).
- \_\_\_\_\_. *Da fala para a Escrita: atividades de retextualização* – 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Análise da conversação*. São Paulo: Atica, 1986. (Serie Princípios, 82).



- MARCUSCHI, Luiz Antônio; SIGNORINI, Inês. *Investigando a relação oral-escrito e as teorias do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. (Idéias sobre linguagem).
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L., BONINI, Adair. & MOTTAROTH, Désirée. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.
- ROJO, Roxane Helena. Rodrigues. Schneuwly, Bernard. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. Disponível em:  
<[http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/8%20art%206%20\(rojo\).pdf](http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/8%20art%206%20(rojo).pdf)>  
Acesso em: 23 jul. 2010.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Técnicas de ensino: por que não? 7. ed.* Campinas: Papyrus, 1991. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).
- VIEIRA, Ana Regina Ferraz. *O seminário: um evento de letramento escolar*. Recife: 2005. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Linguística, 2005.